

# “O que aconteceu aos herdeiros de Édipo?” A recepção clássica e a crítica à psicanálise na leitura de Judith Butler de *Antígona*

## “What Happened to The Heirs of Oedipus?” Classical Reception and Critics to Psychoanalysis in Judith Butler’s reading of *Antigone*

LUCIANA MOLINA<sup>1</sup> (*Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil*)

**Abstract:** Our hypothesis is that the originality of Judith Butler's interpretation of *Antigone* can only be understood in light of existing philosophical interpretations of this tragedy and criticisms of the understanding of the psychoanalytic tradition regarding gender and kinship, particularly as they appear in the Complex of Oedipus. According to this, we analyse some interpretations of *Antigone* belonging to the philosophical and psychoanalytic tradition (Hegel, Frédéric Gros, Jacques Lacan etc.) and also some critics made to the Freudian interpretation of Oedipus (Jessica Benjamin, Juliet Mitchell and Butler herself) to delimit the contribution by Judith Butler’s take of *Antigone* and for the philosophical discussion of the notions of gender and kinship.

**Keywords:** Feminism; Judith Butler; Psychoanalysis; Sophocles; Oedipus Complex.

Neste artigo, pretende-se realizar uma discussão tendo como ponto de partida uma sugestão feita pelo crítico literário George Steiner, qual seja: a de que a psicanálise seria muito distinta se tomássemos o mito de Antígona, e não de Édipo, como referência. Esse comentário é aludido por Judith Butler em seu texto “Promiscuous Obedience”, que mais tarde se tornaria o terceiro capítulo de sua obra dedicada à tragédia de Sófocles, *Antigone’s Claim: Kinship Between Life and Death*. A interpretação de Butler serve de espinha dorsal para o problema que examinamos, a saber: o entrelaçamento entre gênero e parentesco na tragédia *Antígona*, de Sófocles.

Com isso, pretendemos chegar a dois objetivos principais: 1) discutir a especificidade e originalidade da contribuição de Butler para a compreensão de gênero e parentesco como representados no drama *Antígona*, de Sófocles; 2) analisar como *Antígona* suscita reflexões produtivas acerca de gênero e parentesco no campo de estudos que envolve a Filosofia e a Psicanálise.

---

Texto recebido em 30.09.2021 e aceite para publicação em 07.01.2022. Tomo o título deste artigo de uma tradução minha do questionamento feito por Judith Butler em sua análise de Antígona, “What happened to the heirs of Oedipus?”, cujo sentido analiso ao longo do artigo.

<sup>1</sup> lucianamolina@gmail.com.

Na minha hipótese de trabalho, essas duas facetas se interpenetram e se corroboram mutuamente. Por isso, para dar conta desse percurso, analisarei o modo pelo qual a interpretação de Butler para *Antígona* se destaca de outras interpretações filosóficas e psicanalíticas para o drama, bem como analisaremos sua posição crítica diante da tradição psicanalítica, em particular no que se refere ao Complexo de Édipo.

Embora a obra de Butler sobre *Antígona* seja muito discutida a partir do feminismo, da teoria *queer* e mesmo da psicanálise, não é usual vê-la em perspectiva comparada com outras leituras da tragédia. Por isso, pouco se discutiu sobre a originalidade de sua recepção do clássico e sobre as especificidades da crítica literária e filosófica realizada por ela. A ausência de tal abordagem é bastante inquietante quando percebemos que *Antígona* não é meramente um pretexto para a discussão do conceito de parentesco por Butler, mas que a tragédia é também analisada, como veremos adiante, a partir de seus aspectos literários, a exemplo das motivações das personagens apresentadas por Sófocles.

Sabe-se que, nas tragédias gregas, os mitos são interpretados e figurados de maneiras distintas segundo os poetas. Nesse sentido, é pertinente lembrar que é especificamente a leitura dada por Sófocles do mito de Antígona que enfocamos aqui. Segundo o mito, Antígona é a irmã e filha de Édipo, nascida da união incestuosa deste com Jocasta. Pertencente à família amaldiçoada dos Labdácidas, insurge-se contra o rei e tio Creonte quando é decretado o édito de que um dos seus irmãos, Polínicos, considerado traidor de Tebas, deveria ter seu cadáver mantido insepulto, servindo de exemplo para toda cidade. Demonstrando amor desmedido pelo irmão e indiferença para com o noivo Hêmon, é frequentemente suspeita de dar continuidade às relações incestuosas de seus pais.

A reivindicação de Antígona de enterrar o irmão tem continuamente chamado a atenção de intérpretes na História da Filosofia, sendo talvez o mito clássico mais discutido no âmbito da Teoria Política. A leitura da tragédia já foi realizada de diferentes modos, tanto por filólogos e classicistas como por autores contemporâneos de perspectiva original. Algumas dessas interpretações são mais cerradas na obra e outras mais independentes, fazendo uso de seu drama para a criação de potentes alegorias para pensar o fazer po-

lítico, ainda que não raro o façam de maneira anacrônica. Há de se reconhecer igualmente que as diferentes disciplinas leram o drama segundo seus próprios interesses. No Direito, temos o clássico debate sobre o Direito Positivo e o Direito Natural, sendo o primeiro representado pelo rei Creonte, que estabelece a nova regra da cidade, e o segundo simbolizado pela própria Antígona, fiel aos costumes da cidade e às leis divinas que demandavam o sepultamento dos familiares para que eles obtivessem uma boa passagem para o além-vida, de acordo com o que exigiam os deuses ctônicos. Em consonância com esse debate, frequentemente se discute qual dos lados deteria a razão, e em geral é Antígona que é vista como a parte vencedora, mesmo que encontrando ao final do drama um destino trágico. No pensamento político, poder-se-ia discutir ainda a tirania de Creonte (BIGNOTTO, 1998) ou o significado político da insurreição de Antígona (GROS, 2018). Na leitura clássica de Hegel, Antígona é vista como defensora da família, enquanto Creonte simboliza a lei da cidade.

Na interpretação recente de Gros, que, tal como Butler, é um estudioso de Foucault, observamos o modo pelo qual, no caso de Antígona, faz-se produtivo o anacronismo deliberado (método de leitura ironicamente sugerido pelo argentino Jorge Luis Borges em seu célebre conto “Pierre Menard, Autor del Quijote”), pois ele não só é capaz de associar o gesto de Antígona à desobediência civil, como também associa sua luta por enterrar Polinices aos Direitos Humanos, ambos conceitos que não existiam no século V a. C., e que só seriam desenvolvidos séculos mais tarde no pensamento ocidental. É possível que o anacronismo seja uma forma de manter o mito e a tragédia de Sófocles vivos. Veremos que, de maneira similar, Butler encontrará na maldição dos Labdácidas inspiração para pensar novos arranjos familiares, incompatíveis com a realidade grega, mas muito presentes na sociedade contemporânea, e surgidos a partir das vicissitudes das perdas, dos acidentes sociais e políticos e do próprio desejo.

A psicanálise, por sua vez, também lida com o drama e a heroína segundo seus próprios paradigmas. A partir dessa tradição, a lei disputada por Creonte e Antígona passa a ser analisada em relação com a estrutura psíquica e o desejo; discute-se igualmente Antígona em sua relação com o luto e a melancolia.

Diferentemente das leituras usuais desse mito imortalizado por Sófocles na Trilogia Tebana (constituída por *Édipo Rei*, *Édipo em Colono* e *Antígona*), que interpretam Antígona como precursora dos direitos humanos, da desobediência civil, ou mesmo como uma figura feminista *tout court*, a psicanálise situará a discussão no âmbito das relações e do afeto, sendo essa uma idiosincrasia que, como queremos mostrar, inclusive coloca em dúvida as leituras tradicionais que tomam Antígona como a rebelde defensora das leis divinas e da moral da cidade. A psicanálise, bastante devedora das leituras dos românticos, tais como aquelas realizadas por Goethe e Hölderlin que argumentaram haver um laço possivelmente incestuoso entre Antígona e Polinices, enfatiza os móveis subjetivos no ato de Antígona. Assim, sua motivação que a torna uma heroína virtuosa, agindo segundo a lei da cidade, passa a ser colocada em xeque segundo essa via interpretativa. Dentro de uma outra tradição interpretativa, o vínculo demasiadamente estreito expresso pela heroína passa despercebido, enquanto para a psicanálise esse aspecto se torna produtivo por ser uma reiteração do incesto já existente entre Édipo e Jocasta.

Para demonstrar a incompatibilidade entre interpretações psicanalíticas e aquelas usualmente provindas do Direito e da Filosofia Política, podemos citar a obra *Antígona e a ética trágica da psicanálise*, em que Ingrid Vorsatz recupera a leitura realizada por Lacan para expressar uma Ética do desejo. Antígona estaria submetida ao desejo inconsciente, sendo esse fundador de seu ato. Essa perspectiva é em grande medida incompatível com a leitura de que Antígona age simplesmente em respeito e sob coação da lei natural e divina. Segundo a autora,

*Não é em decorrência das leis não escritas dos deuses, tampouco da justiça divina (Diké), que Antígona decide sepultar o corpo do irmão, contrariando o decreto de Creonte. Ao se lançar ao ato, na contramão da lei da polis que visa ao bem de todos indiscriminadamente, a filha de Édipo garante a incidência real do campo dos deuses, fazendo valer sua determinação enquanto lei.* VORSATZ (2013) 16.

Com efeito, Lacan afirma a respeito das motivações de Antígona na tragédia: “[...] não é simplesmente a defesa dos direitos sagrados do morto e de sua família, nem tampouco o que quiseram representar para nós de uma santidade de Antígona. Antígona é levada por uma paixão”. LACAN (1988) 302. Ou seja, não seria tanto a moral da polis, e sim o desejo individual, o que levaria

Antígona a agir dessa forma. Seguindo os passos de Goethe, Lacan também destacará o trecho em que Antígona afirma que não lamentaria do mesmo modo a morte de um esposo ou um filho. Esses versos também têm servido frequentemente de indício para a suspeita de um segundo incesto, entre Antígona e Polinices, o que tornaria ainda mais evidentes as semelhanças entre Édipo e sua prole amaldiçoada. Na tradução de Guilherme de Almeida, temos os versos 905 a 915:

*Se eu tivesse tido filhos, e os perdesse,  
e um esposo morto apodrecendo ao sol,  
a cidade não maldiria o que fiz.  
Qual a norma, pois, por que me conduzi?  
Morto meu esposo, outro não faltaria  
Que me desse, como o primeiro, outro filho.  
Mas, com mãe e pai já entre as sombras do Hades,  
Nunca poderei ver nascer outro irmão:  
Eis por que te dei a minha preferência  
E por isso Créon me julgou culpada  
E rebelde às leis, meu irmão bem-amado*

VIEIRA; ALMEIDA (1992) 75

Nesse trecho, observamos que Antígona prefere honrar a família, quase toda já morta, em detrimento dos vivos, assim como prefere honrar o irmão bem-amado em detrimento do casamento prometido com Hêmon. Um irmão, afinal, não poderia ser substituído, tendo em vista que seus pais já haviam partido. Disso devém o luto descomunal pela perda do irmão amado.

Outra discussão a envolver filosofia e psicanálise diz respeito ao modo como a tragédia em questão pode nos fazer refletir a respeito da família, do feminino e do gênero e é isso que gostaria de enfatizar tomando como referência principal a obra de Judith Butler. Contudo, antes de adentrar nessa questão, faz-se importante recuperar algumas das críticas às noções de gênero e parentesco provindas da psicanálise e com as quais Butler lida ao fazer sua interpretação de *Antígona*, o que faremos a seguir.

### **Freud oficial e as limitações do Complexo de Édipo**

Para analisar o problema proposto, indicamos um percurso que, seguindo a nomenclatura que Whitebook (2017) toma de empréstimo de Loewald, parte de um Freud oficial, em que o Complexo de Édipo é colocado no centro

das questões de gênero e parentesco, para leituras que, derivadas do feminismo, da reflexão sobre gênero e psicanálise, simultaneamente destacam as limitações do Complexo de Édipo para a discussão dessas questões e adentram em outros textos e noções negligenciadas na própria obra de Freud, a exemplo do sentimento oceânico encontrado na fase pré-edípica e marcador da relação de interdependência entre mãe e bebê.

A tragédia de Sófocles *Édipo Rei* tem como matéria-prima o mito em torno da família dos Labdácidas. A maldição que recai sobre a família é anterior ao começo da tragédia. Laio teria traído a hospitalidade de Pélope ao se apaixonar por Crísipo, filho do rei, e raptá-lo. Pélope, então, lança a maldição que influenciaria todos os eventos da Trilogia Tebana. Se Laio tivesse um filho, esse o mataria. Para se proteger da maldição, Laio dá ordem de que o filho que teve com Jocasta seja morto. Contudo, o pastor que recebe a ordem não tem coragem de matar o bebê, e acaba o levando para ser criado em um reino vizinho a Tebas, Corinto. Lá o bebê recebe seu nome, Édipo, e é criado como filho do rei de Corinto. Ao ouvir do Oráculo que mataria seu pai e casaria com sua mãe, Édipo, não compreendendo que a premonição dizia respeito aos pais consanguíneos e não aos adotivos, acaba por fugir de Corinto. Na estrada, encontra-se com a comitiva de Laio e, sem saber, mata o próprio pai e rei de Tebas. Depois, ao chegar em Tebas e desvendar o enigma da esfinge, recebe como prêmio o casamento com Jocasta, sua mãe. Os eventos de *Édipo Rei* são posteriores a essa sequência. A cidade de Tebas sofre de uma pandemia, e Édipo ouve do Oráculo que, para resolver os problemas da cidade, precisa fazer justiça à morte de Laio. Assim, Édipo se põe a investigar o assassinato de Laio e, com isso, acaba por desvendar aspectos da sua própria origem familiar.

Freud frequentemente lançou mão de obras literárias e mitos para desenvolver aspectos de sua teoria psicanalítica. A tragédia de Édipo tem um lugar central na psicanálise, e seria relida em inúmeros momentos. Ela se torna um modelo para o desenvolvimento psíquico, em particular do garoto. Torna-se uma alegoria para o vínculo afetivo que esse sente pela mãe e que faz com que ele dispute seu amor com o pai. Na leitura que Freud faz de Édipo, o garoto deseja a mãe, assim como Édipo se casou com Jocasta sem o saber. No desenvolvimento ideal, o complexo de Édipo dá lugar ao Complexo de Castração, segundo o qual o garoto passará a se identificar com a figura

paterna, decorrente do desejo de tomar seu lugar. Mas o pai também se tornará fonte de respeito e obediência. O desejo pela mãe se transformará em outro tipo de vínculo, inibido em sua meta sexual e modificado em ternura. A criança internalizará a proibição do incesto. É nesse estágio que se desenvolve o Supereu como introjeção da lei do pai ou dos pais.

A despeito da fama e do interesse que sua interpretação para Édipo Rei ganhou ao longo do tempo, helenistas já levantaram inúmeras objeções à leitura que Freud faz de Édipo. A própria tradição psicanalítica está ciente dessas objeções. Como relembra Jessica Benjamin (1988), em sua interpretação do mito, Freud sublinha o fato de que Édipo mata o pai e casa com a mãe, mas fora Laio, seu próprio pai, que, a fim de se livrar da maldição, encomendou a morte de Édipo, e esse dado é frequentemente excluído quando a simbologia do mito é analisada pela psicanálise. Se confrontados com esse fato, seria forçoso incluir na nossa compreensão de família a figura paterna como ameaçadora.

O psicanalista Antonio Quinet, em consonância com Benjamin, também salienta que a figura paterna como fonte de crueldade fora negligenciada pela leitura de Freud e observa que as próprias modificações históricas na constituição familiar demandariam outra interpretação do mito e da tragédia:

*Se o século XX viu firmar-se, com Freud, a representação da mãe desejada e do pai legislador, baseada na família nuclear, o século XXI nos mostra o sujeito na posição de objeto de gozo dos pais, o pai fora da lei, a mãe que abandona e o ideal de família normativa voando pelos ares. Cada vez mais são desveladas a desmedida e a crueldade do pai, que vão contra a imagem antiga do protetor provedor, o papai sabe-tudo, que recebia admiração, respeito e obediência da parte dos filhos. QUINET (2015) 12.*

Por mais controversa que seja essa leitura, vale a pena assinalar, tendo em vista o tema da família, que Quinet (2015) também enfatiza que o papel de Jocasta, a mãe, precisaria ser melhor esclarecido, uma vez que é possível, diante de sua insistência para que Édipo abandone sua investigação iniciada pela maldição que acometeu Tebas, aventar a hipótese de que Jocasta já sabia anteriormente que tinha se casado com o filho, pois, além disso, também havia sido ela mesma quem entregou o bebê para o pastor dar cabo dele.

Seja como for, independentemente de sua retidão ao mito grego e à tragédia de Sófocles, a interpretação dada por Freud tornou-se clássica e influente. Dentro da própria tradição psicanalítica, o mito de Édipo como uma alegoria do desenvolvimento psíquico do menino ocupa um lugar central.

Em razão disso, muitas das críticas em torno das questões de gênero são direcionadas a essa interpretação.

Em consonância com isso, a respeito de seu projeto de realizar uma biografia intelectual de Freud, Whitebook destacaria:

*When I commenced my “second sailing” and returned to a systematic reading of Freud’s texts for this project, something virtually leapt off the page that I had failed to recognize earlier: If the figure of the mother – especially the early pre-Oedipal mother – is not entirely absent, she plays a minimal and marginal role in Freud’s thinking. The mother is largely missing from Freud’s self-analysis and from *The interpretation of dreams*, the work that grew out of it; from his case histories, where she cries out for inclusion; from his theories of development and pathogenesis; and from his patriarchal theories of culture and religion. In what the philosophically trained psychoanalyst Hans Loewald calls his “official” doctrine, Freud focused almost exclusively on the figure of the father and maintained that the Oedipus complex was the “nuclear complex” not only of neurosis, but also of civilization. WHITEBOOK (2017) 1<sup>2</sup>.*

Em sua obra *The Bonds of Love*, publicada em 1988, Jessica Benjamin aponta para o fato de que a psicanálise já há algum tempo tem se voltado para a discussão de estágios mais precoces do desenvolvimento infantil, havendo um deslocamento de interesse do Édipo ao pré-édipico. Dessa forma, é possível investigar mais detalhadamente a relação da mãe e do bebê nesse momento em que há uma grande integração entre ambos — aspectos em geral negligenciados a partir da leitura do Complexo de Édipo e do chamado Freud oficial. A autora critica, então, a tendência dessa leitura tradicional a ver a fase pré-édipica como negativa e o Édipo como necessariamente positivo. A essa perspectiva, segue-se a noção de uma mãe regressiva, arcaica, que se equivale ao narcisismo e a uma unidade indiferenciada. A comunhão é valorada negativa-

---

<sup>2</sup> “Quando iniciei minha “segunda jornada” e voltei a uma leitura sistemática dos textos de Freud para este projeto, algo que não havia conseguido reconhecer antes virtualmente saltou da página: Se a figura da mãe — especialmente a primeira mãe pré-édipica — não está totalmente ausente, essa desempenha um papel mínimo e marginal no pensamento de Freud. A mãe está em grande parte ausente da autoanálise de Freud e de *A interpretação dos sonhos*, o trabalho que surgiu a partir dela; assim como de suas histórias de caso, em que ela clama por inclusão; de suas teorias de desenvolvimento e patogênese; e de suas teorias patriarcais de cultura e religião. No que o psicanalista formado em filosofia Hans Loewald chama de sua doutrina “oficial”, Freud se concentrou quase exclusivamente na figura do pai e sustentou que o complexo de Édipo era o “complexo nuclear” não apenas da neurose, mas também da civilização.” (Tradução nossa).

mente. Em contrapartida, o ideal de separação representado pelo pai é valorado positivamente.

Valendo-se igualmente da categoria hegeliana de “reconhecimento”, a proposta de Jessica Benjamin tem em vista a revisão de alguns aspectos da tradição psicanalítica para a compreensão mais profunda da intersubjetividade. Percebendo que muito da discussão psicanalítica se restringe a uma teoria intrapsíquica, ela resgata a relação entre indivíduos como uma questão igualmente legítima. Além de enfatizar a relação pré-edípica entre criança e mãe, a autora também argumenta que a influência dessa fase para a constituição psíquica da criança é maior do que determinadas interpretações do Complexo de Édipo fazem parecer. Na relação pré-edípica com a mãe, a criança já recebe incentivos para a independência, aprendizado de regras sociais e morais e noções de limites. Quando reconhecemos a importância desse momento, também se faz evidente que a mãe, sendo em nossa cultura a principal responsável pela maternagem e pelo cuidado, também participa de maneira decisiva na constituição dos valores da criança. Ou seja, ao contrário do que a tradição de um Freud oficial faz parecer, não é só o pai o responsável por internalizar a lei na criança.

Em sua interpretação crítica de Freud, Jessica Benjamin imputa ao Édipo uma função de diferenciação geracional e de gênero, na qual a criança simultaneamente se diferencia dos pais e se constitui quanto ao gênero:

*For Freud, the Oedipus complex is the nodal point of development, the point at which the child comes to terms with both generational difference and sexual difference. It is the point when the child (the boy, more precisely) accepts his ordained position in the fixed constellation of mother, father, and child.* BENJAMIN (1988) 31<sup>3</sup>.

Segundo a crítica da autora, no desenvolvimento do menino, Freud sugere que o laço entre mãe e filho na fase pré-edípica dá lugar a uma compreensão do homem como sujeito e da mulher como objeto. A consequência disso é que o garoto passa a desprezar a mãe e os atributos femininos. Meninos e meninas devem se identificar apenas com o pai ou a mãe, segundo o

---

<sup>3</sup> Para Freud, o Complexo de Édipo é o ponto nodal de desenvolvimento, o ponto no qual a criança vem a termo com a diferença geracional e com a diferença sexual. É o ponto em que a criança (o garoto, mais precisamente) aceita sua posição ordenada em uma constelação fixa de mãe, pai e criança.” (Tradução nossa).

sexo que compartilham. Soma-se a isso a noção de inveja do falo para explicar o feminino e o temor da castração como definidor do masculino. Assim, o modo como o desenvolvimento psíquico do menino é descrito pelo Complexo de Édipo engendra a dominação de gênero que está presente na nossa cultura em geral.

Posição sensivelmente distinta a respeito do tópico tem Juliet Mitchell em estudo publicado anteriormente, *Psychoanalysis and Feminism*, na qual defende que frequentemente as críticas feministas e/ou a partir da problematização de gênero não lidam com a psicanálise como sistema. É esse tipo de erro em que recai uma autora como Simone de Beauvoir, cuja obra *O Segundo Sexo* foi central na constituição da primeira onda do feminismo. Para Mitchell, há conteúdo metafísico implícito na obra de Freud, mas a psicanálise, diferentemente do que almeja a filósofa francesa, não se propõe em primeiro lugar a ser uma filosofia. Embora o argumento de Mitchell de que a psicanálise deve ser entendida como sistema seja compreensível, não parece ser particularmente persuasivo, tendo em vista que essa postura também parece exigir acordo integral com cada elemento que compõe o sistema criado por Freud. Como analisamos neste trabalho, tanto Jessica Benjamin como Judith Butler criticarão a psicanálise freudiana deliberadamente trazendo elementos externos a esse sistema, como, por exemplo, a Teoria do Reconhecimento legada por Hegel. Ou seja, a ideia de que a psicanálise só pode ser criticada como um sistema seria um entrave à produção de reflexões criativas providas de tradições heterogêneas.

Mitchell, contudo, segue afirmando que o modelo construído por Freud para o entendimento do feminino e do masculino é mais complexo e nuançado do que parecem compreender muitos dos seus críticos. Freud é um autor que em vários momentos revisou sua própria obra. Assim, embora Mitchell reconheça que originalmente o desenvolvimento psíquico do menino é considerado por Freud como modelo para o da menina, relembra que ele próprio consideraria o tema problemático e digno de mais estudos e revisões. A suposta existência de um Complexo de Electra, inspirado igualmente pelo mito e pela tragédia grega, e que seria análogo ao Édipo, seria simplesmente um equívoco. Permaneceria em aberto, contudo, uma formulação mais clara do desenvolvimento psíquico da menina.

Mitchell também insiste que Freud não é prescritivo ao falar em diferenciação de gênero. A despeito das objeções levantadas, ela também não é inteiramente capaz de livrar a psicanálise freudiana de algumas das acusações de que nessa tradição haveria alguns conteúdos problemáticos quanto ao gênero. Reconhecerá, por exemplo, que a ideia de que as mulheres teriam um Superego mais fraco que os homens seria mantida intacta no pensamento freudiano, ainda que ela não seja capaz de explicitar integralmente quais as implicações disso para uma compreensão normativa de gênero:

*Freud considered that women were likely to have a less strong superego than men, because the superego is instituted at the point of the dissolution of the Oedipus complex and this is unlikely to be so thoroughly dissolved in women as it is in men. As we have seen, it has different history in the two sexes; there is no suggestion that it was because of its maleness that women were excluded from the values of the superego (though obviously there is a connection of another kind here).* MITCHELL (2000) 334<sup>4</sup>.

No âmbito das discussões propostas neste artigo, não deixa de ser curioso apontar Antígona como uma personagem que reiteradamente é investigada pela firmeza com que se atém à sua convicção e dever moral, advinda das leis não escritas da cidade. Portadora de uma convicção inquebrantável, que internaliza costumes antigos da cidade, bem como os deveres filiais perante o pai e os irmãos, Antígona parece, ao contrário da concepção corrente a respeito do feminino, ter um Superego extremamente forte e desenvolvido. Como veremos melhor mais adiante, é também em razão dessa firmeza que Antígona é frequentemente citada como desviante de seu papel de gênero. Além disso, em vários momentos da tragédia observamos as identificações existentes entre Antígona e o pai. Ou seja, a constituição desse perfil feminino não ocorre apenas a partir da identificação com a mãe.

O debate sobre gênero e psicanálise realizado por Mitchell, Benjamin, dentre outras, é em grande medida absorvido na elaboração do trabalho de Judith Butler. Contudo, ao que tudo indica, Butler é uma leitora que guarda

---

<sup>4</sup> “Freud considerava que as mulheres eram mais propensas a ter um superego mais fraco que os homens, porque o superego é constituído da dissolução do Complexo de Édipo e seria improvável que ele se dissolvesse tão bem nas mulheres como nos homens. Como vimos, ele possui diferentes histórias nos dois sexos. Não há sugestão de que é devido à ausência de masculinidade que as mulheres estavam excluídas dos valores do Superego (embora obviamente haja uma conexão de outro tipo aqui).” (Tradução nossa).

ainda mais distância da psicanálise, almejando encetar uma perspectiva própria, que também agrega em seu quadro interpretativo contribuições advindas não só da Teoria do Reconhecimento de Hegel, mas também do pós-estruturalismo de Foucault e da antropologia de Lévi-Strauss, sendo esse último fundamental para a discussão do significado do tabu do incesto simbolizada por Édipo e Antígona.

Ao retomar a discussão de Jessica Benjamin, Butler elogia os esforços da psicanalista em pensar uma psicanálise não heterossexista. Um dos problemas para Butler, entretanto, parece ser a insistência da psicanálise, mesmo quando abertamente feminista e crítica a seu conteúdo potencialmente retrógrado, em manter intactas certas noções limitadoras. O fato de construirmos uma teoria do parentesco com base em termos dicotômicos como “pai” e “mãe” parece corroborar essa questão. De acordo com isso, a despeito da tentativa dos lacanianos de diferenciar falo e pênis, Butler reitera que não é fã dessa noção:

*I am no great fan of the phallus and have made my own views known on this subject before (BUTLER, 1993, 57-92), so I do not propose a return to a notion of the phallus as the third term in any and all relations of desire. Nor do I accept the view that posits the phallus as the primary or originary moment of desire, such that all desire extends the paternal signifier through either identification or mimetic reflection. BUTLER (2000b) 275<sup>5</sup>.*

Dentro de uma perspectiva *queer* e pós-estruturalista, de que Butler é adepta, passa a ser relevante observar justamente os casos que não são completamente subsumidos ao que, dentro de uma estrutura heterossexista, é considerado claramente feminino ou masculino:

*The term queer gained currency a decade ago precisely to address such moments of productive indecision, but we have not yet seen a psychoanalytic attempt to take*

---

<sup>5</sup> “Não sou grande fã do falo e já me manifestei sobre isso em outra ocasião (BUTLER, 1993, 57-92), então eu não proponho um retorno a uma noção de falo como o terceiro termo em toda e qualquer relação de desejo. Tampouco aceito a visão que determina o falo como o momento primário ou originário do desejo, de maneira que todo desejo advém do signifiante paterno a partir da identificação ou reflexão mimética.” (Tradução nossa)

*account of these cultural formations of which certain vacillating notions of sexual orientation are constitutive.* BUTLER (2000b) 281<sup>6</sup>.

As releituras críticas da psicanálise freudiana, apesar da tentativa de resgatar positivamente Freud para lidar de maneira mais nuançada com a questão de gênero, ainda parecem estar um passo aquém da teoria *queer* proposta por Butler, tendo em vista que já não é mais simplesmente a construção da sexualidade heterossexista e o desenvolvimento do menino e da menina que são indagados, mas antes também outras constelações envolvendo gênero e sexualidade que escapam de um esquema rígido e estereotipado. Quando Butler, por exemplo, enfoca a questão dos transexuais, e aponta que há uma fluidez em sua identificação, que ora escapa do feminino e ora escapa do masculino, parece trazer frescor inteiramente novo à discussão, não só porque efetivamente examina um problema diferente e que, em grande medida devido a questões históricas e culturais, não estava no horizonte interpretativo de Freud, mas porque propõe como resposta uma forma de escapar das dicotomias de gênero decorrentes da heterossexualidade que é comumente pressuposta no desenvolvimento psíquico descrito pelo Complexo de Édipo. Afinal, existiria uma forma de ler Édipo que não pressupusesse a diferenciação dicotômica de gênero?

Butler esclarece em que consiste o projeto de pensar gênero e sexualidade tendo em vista o abandono de uma percepção diádica ou binária das relações:

*[...] who we "are" fundamentally is a subject in a temporal chain of desire that only occasionally and provisionally assumes the form of the dyad. Again, displacing the binary model for thinking about relationality will also help us appreciate the triangulating echoes in heterosexual, homosexual, and bisexual desire, and complicate our understanding of the relation between sexuality and gender.* BUTLER (2000b) 289<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> “O termo *queer* ganhou popularidade uma década atrás precisamente para lidar com esses momentos de indecisão produtiva, mas nós não vimos ainda uma tentativa psicanalítica de levar em conta essas formações culturais em que certas noções vacilantes de orientação sexual são constitutivas”. (Tradução nossa).

<sup>7</sup> “[...] quem nós “somos” fundamentalmente é um sujeito e uma cadeia temporal que somente ocasional e provisoriamente toma a forma de uma díade. Novamente, deslocar do modelo binário para um pensamento sobre relacionalidade irá também nos ajudar a apreciar a triangulação que ecoa em desejo heterossexual, homossexual e bissexual, e complica nosso entendimento da relação entre sexualidade e gênero.” (Tradução nossa).

Com tantas críticas ao Complexo de Édipo e seu legado para a discussão de gênero e de família, sendo possivelmente a principal consequência uma definição muito rígida do feminino e do masculino e de como esses se encontram no seio de uma família nuclear e heterossexista, Butler acaba por realizar uma interpretação de *Antígona* muito particular justamente por levar em consideração essas problematizações.

Em estudo já clássico, *Façons tragiques de tuer une femme*, a helenista Nicole LORAUX (1987) chamará atenção para a complexidade da construção do gênero nas tragédias gregas. A despeito da pouca importância que mulheres apresentavam na vida pública da cidade à época, não raro ganhavam dignidade e nobreza através da representação dramática, como é passível de verificarmos pelas tragédias com protagonistas femininas. Fazendo eco a essa questão, Sheila MURNAGHAN (2005) afirmará que, conforme os estudantes da tragédia foram se interessando por questões de gênero, compreender o paradoxo existente no fato de haver proeminência feminina nas tragédias e reduzida participação pública da mulher na Grécia Antiga se tornou uma questão central.

Butler observa perspicazmente que Antígona, contudo, não só faz questão de enterrar Polinices como, ao receber de sua irmã Ismene a oferta de manter silêncio a respeito de seu ato, roga que ela não o faça. Deseja que suas atitudes se tornem públicas e conhecidas de todos. É desse modo que podemos dizer que as atitudes de Antígona têm sentido político e se tornam de vital importância para a polis como um todo.

Butler inicia sua reflexão sobre Antígona acenando para a discussão realizada por Irigaray acerca dos esforços feministas de confrontar o Estado. Embora essa via seja profícua e relevante, o que há de idiossincrático na leitura de Butler é o modo pelo qual a própria constituição desviante de Antígona é indicada como nos confrontando com as limitações das normas. A suspeita que recai sobre Antígona e que frequentemente é levantada, inclusive por Butler, é de que ela carrega traços masculinos. O gesto desafiador de Antígona faria dela masculina, ao mesmo tempo em que daria a Creonte traços femininos. De maneira complementar, para se insurgir contra o édito do tio e rei, ela parece assumir aspectos do poder a que ela se opõe: “Antigone thus appears to assume the form of a certain masculine sovereignty, a manhood that

cannot be shared, which requires that its other be both feminine and inferior”. BUTLER (2000a) 9<sup>8</sup>.

A jovem e virgem Antígona, ao contrariar o decreto do tio, lança-se a uma atitude que desestabiliza a cidade. Creonte compreende suas atitudes como insolentes, e considera ainda mais vergonhosa a insubmissão por essa provir de uma mulher. No início do drama, o coro também aventará a hipótese de Antígona, como herdeira de Édipo, agir com a mesma arrogância que danou seu pai.

Antígona é suspeita de agir por *hybris*, ao desrespeitar e desonrar um homem, e mais especificamente o rei, quando desobedece seu édito de manter Polinices insepulto. Essa noção grega é vista como intraduzível e de difícil interpretação, embora frequentemente seja considerada como sinônimo de insolência e arrogância. A *hybris* necessariamente pressupõe um agir equivocado. Em artigo publicado ainda em 1976, “‘Hybris’ in Athens”, Douglas M. MacDowell fará um amplo levantamento do que seria a *hybris* em Atenas, não só na literatura como na lei e na moral. Frequentemente relacionada aos jovens e aos ricos, ela também se associa ao masculino e à virilidade. Com isso, podemos indicar que é justamente esse caráter ambíguo de Antígona, entre a coragem e a *hybris*, que fazem com que seja também ambígua do ponto de vista da caracterização de gênero. Não era usual ver tamanho destemor em uma mulher, e isso é um elemento que aproxima Antígona da *hybris*, como salienta Butler em sua leitura. Contudo, se entendemos que suas atitudes se devem à obediência a uma lei superior, à lei divina, ela não é mais vista como agindo por *hybris*, tendo em vista que fundamenta sua coragem em um saber de que os outros estariam privados. De maneira geral, podemos perceber que predomina a percepção de que Antígona deteria a razão em seu embate com Creonte. Sua tolice e *hybris*, de que lhe acusam o coro e o rei, seriam apenas aparentes. Na realidade, é ela que deteria o conhecimento de como agir.

Todavia, para sustentar essa visão de Antígona como detendo a razão, há a necessidade de se desconsiderar a motivação familiar e afetiva como motores da ação de Antígona. Se essas motivações são observadas, não volta a

---

<sup>8</sup> “Antígona então parece assumir a forma de uma certa soberania masculina, uma masculinidade que não pode ser compartilhada, e que requer que seu outro seja ao mesmo tempo feminino e inferior”. (Tradução nossa).

suspeita de que Antígona agiria por *hybris*? A originalidade da leitura romântica de Goethe e Hölderlin, e que aparece sob outra forma e insistentemente nas leituras mais contemporâneas de Antígona com base na psicanálise, advém da tentativa de compreender o afeto desmedido que a personagem parece ter por Polinices. Frequentemente visto como um afeto incestuoso, que reduplicaria o incesto cometido por Jocasta e por seu pai e irmão, Édipo, Antígona optaria pelo enterro do irmão em detrimento dos vivos. Antígona morre virgem, e em total indiferença ao deixar o noivo Hêmon para trás. Ela afirmará que um irmão é, nesse sentido, insubstituível, e que a perda de um filho ou um marido não evocariam sua mesma atitude de indignação.

Butler não só considera o incesto como relevante para sua interpretação da tragédia como sugere que há algo de particularmente significativo no fato de tantos intérpretes não considerarem a questão:

*How interesting, then, that so many of the readings of Sophocles' play insist that there is no incestuous love here, and one wonders whether the reading of the play does not in those instances become the very occasion for the insistence of the rule to take place: there is no incest here, and cannot be. Hegel makes the most dramatic of such gestures when he insists that there is only absence of desire between brother and sister. Even Martha Nussbaum in her reflections on the play remarks that Antigone appears to have no great attachment to the brother. And Lacan claims of course that it is not the brother in his content whom she loves, but his being as such [...]. BUTLER (2000a) 17<sup>9</sup>.*

O que Butler parece sugerir é que o tabu do incesto, no caso desses críticos, impede que eles próprios interpretem a questão do amor excessivo de Antígona pelo irmão porque ocorre uma autocensura em relação a tema tão inoportuno. Ao analisar a interpretação de Lacan, Butler relembra, em forma de pergunta, que a norma da proibição do incesto e as fatalidades à que Antígona é lançada acabam por desestruturar as posições que cada membro

---

<sup>9</sup> "É curioso, então, que tantas leituras da peça de Sófocles insistam que não há amor incestuoso, e podemos nos indagar se a leitura da peça não se torna nessas instâncias a ocasião para que a insistência da regra tome lugar: não há incesto aqui, e não pode haver. Hegel realiza o mais dramático desses gestos quando insiste que há somente a ausência de desejo entre irmão e irmã. Até mesmo Martha Nussbaum, em suas reflexões sobre a peça, destaca que Antígona parece não ter grande ligação com o irmão. E Lacan afirma que certamente não é o irmão em seu conteúdo que ela ama, mas seu ser como tal." (Tradução nossa).

da família ocupa e as relações de parentesco: “Can we assume that Antigone has no confusion about who is her brother, and who is her father, that Antigone is not, as it were, living the equivocations that unravel the purity and universality of those structuralist rules?” BUTLER (2000a) 18<sup>10</sup>.

Hegel e Lacan foram eles próprios leitores de *Antígona*, levando o drama a interpretações antagônicas, que são recuperadas no texto de Butler sem que ela se subsuma às leituras precedentes. Diante de Hegel, a filósofa estadunidense questiona como o Estado se faz a partir da noção de parentesco e como esse, por sua vez, também é definido pelo Estado. Diante da leitura de Lacan, ela mais uma vez questiona a pressuposição do Édipo. De maneira complementar às críticas que ela faz ao Édipo em outros escritos como possuindo uma estrutura heterossexista, ela lerá *Antígona* como desviante das normas de gênero e sexualidade, mas também como desviante das regras de parentesco. Assim como encontrou em relação à apresentação de gênero da protagonista, a psicanálise observa em *Antígona*, que tem como base o mito em torno da linhagem amaldiçoada dos Labdácidas, uma fonte para pensar outros arranjos criativos em torno da família.

Em Édipo nós temos a representação do desenvolvimento psíquico do menino em sua relação com pai e mãe segundo a qual ele passa a ter a mãe como objeto de desejo e a se identificar com o pai. Se na perspectiva oficial e mais ortodoxa da psicanálise Édipo representou o desenvolvimento psíquico comum, senão do ser humano, ao menos do menino, o que parece ser produtivo na contemplação da estrutura familiar de *Antígona* é justamente seu caráter não exemplar e não normativo. Do ponto de vista do gênero e do parentesco, ela transgride as normas. Para Butler, evidentemente não se trata de tomar o incesto como preceito, mas tampouco devemos voltar à noção de família normal. *Antígona* é capaz de expor o caráter precário dessas normas de parentesco e gênero. E é nesse contexto que Butler postula a questão: “what happened to the heirs of Oedipus?” (BUTLER, 2000a: 25). Mais especificamente, Butler quer saber qual é o legado de Édipo para os tempos que se seguem, em que as famílias se encontram muito modificadas, e não podem mais ser caracte-

---

<sup>10</sup> “Podemos supor que *Antígona* não está confusa sobre quem é seu irmão, quem é seu pai, que *Antígona* não está, por assim dizer, vivendo equívocos que revelam o purismo e universalidade dessas normas estruturalistas?” (Tradução nossa).

rizadas exclusivamente por esse velho e rígido esquema de pai, mãe, crianças identificadas com um dos pais segundo o sexo. Indo além, ela afirmará que, na concepção corrente, ser um humano significa participar de uma família em sentido normativo, e é por isso que a família desviante de Édipo e Antígona ainda tem muito a nos dizer a respeito da transgressão das normas de gênero e parentesco. A vida familiar confusa de Antígona é uma confusão produtiva, que nos faz refletir a respeito da precariedade das próprias normas. Por conseguinte, pode nos fazer refletir igualmente a respeito da necessidade de tornar mais abrangente nossa própria definição de família. A descrição de Butler para o problema é inegavelmente atual:

*[...] If the stability of the maternal place cannot be secured, and neither can the stability of the paternal, what happens to Oedipus and the interdiction for which he stands? What has Oedipus engendered?*

*I ask this question, of course, during a time in which the family is at once idealized in nostalgic ways within various cultural forms, a time in which the Vatican protests against homosexuality not only as an assault on the family but also on the notion of the human, where to become human, for some, requires participation in the family in its normative sense. I ask this as well during a time in which children, because of divorce and remarriage, because of migration, exile, and refugee status, because of global displacements of various kinds, move from one family to another, move from a family to no family, move from no family to a family, or in which they live, psychologically, at the crossroads of the family, or in multiply layered family situations, in which they may well have more than one woman who operates as the mother, more than one man who operates as the father, or no mother or no father, with half-brothers who are also friends — this is a time in which kinship has become fragile, porous, and expansive. BUTLER (2000a) 22<sup>11</sup>.*

---

<sup>11</sup> [...] Se a estabilidade do lugar materno não pode ser assegurada, e tampouco a estabilidade do paterno, o que ocorre a Édipo com a interdição que ele estabelece? O que Édipo engendra?

Eu pergunto isso, certamente, em um tempo em que a família é idealizada de modos nostálgicos em várias formações culturais, um tempo em que o Vaticano protesta contra a homossexualidade não só como um ataque à família mas também como à noção de humano, em que para se tornar humano, para alguns, é preciso haver participação na família em seu sentido normativo. Eu pergunto isso também em um tempo em que as crianças, devido a divórcio e novo casamento, devido à migração, exílio e estatuto de refugiados, e também devido aos deslocamentos globais de toda sorte, mudam-se de uma família para outra, mudam-se de uma família para família nenhuma, mudam-se de não terem família para terem uma família, ou em que vivem, psiquicamente, nas encruzilhadas da família, ou em uma multiplicidade de camadas de situações familiares, em que

É justamente a família do mito dos Labdácidas, amaldiçoada, problemática, desviante, que passa a ser um exemplo de outras formas de compor relações para nosso momento histórico. E a reivindicação de Antígona por enterrar o ente amado, defende Butler, simultaneamente requer novos esquemas de inteligibilidade para o amor e para as perdas. A transgressão do incesto cometida pela linhagem não exclui a necessidade de enterrar o irmão. A reivindicação pública das perdas de familiares é um tópico sensível, que se mantém assaz atual, algo observável no movimento argentino Mães da Praça de Maio, que luta para enterrar os mortos e desaparecidos durante a Ditadura Militar, mas que encontra uma nova formulação em 2019 com a reivindicação de justiça às mortes por Covid-19, muitas das quais evitáveis se não houvesse governos sem consciência e maculados pelo obscurantismo científico.

### Conclusão

À guisa de conclusão, podemos dizer que a recepção de Butler de *Antígona* é bastante devedora das leituras críticas, em particular feministas, da psicanálise e, dando outro enfoque político ao mito dos Labdácidas que já fora amplamente explorado pela Filosofia, acaba por enxergar em *Antígona* a potencialidade de compreender gênero e parentesco de formas alternativas àquela estrutura rígida colocada pelo Freud oficial e pela leitura hegemônica do Édipo como modelo do desenvolvimento do menino e da família. A figura vacilante quanto ao gênero e ao parentesco que é delineada por Antígona nos faz refletir sobre novos arranjos contemporâneos de expressão de sexualidade, gênero e família e é justamente por isso que ela lança uma luz retrospectiva às limitações explicativas do Complexo de Édipo, isto é, da leitura que se faz do mito de Édipo Rei pelo Freud oficial, assim como cria nova camada de importância à reflexão política trazida pelos mitos gregos.

Embora suas reflexões sobre Estado, gênero e família a respeito de *Antígona* possam ser acusadas de anacrônicas e incompatíveis com o contexto histórico-social que deu vida à tragédia, é justamente ao trilhar esse caminho, na

---

elas podem ter inclusive mais de uma mãe que opera como mãe, mais de um pai que opera como pai, ou nenhuma mãe ou nenhum pai, com meios-irmãos que são também amigos — este é um tempo em que o parentesco se tornou frágil, poroso e em expansão”. (Tradução nossa).

esteira de Hegel, que Butler atualiza o mito e a tragédia, tornando-os ainda mais relevantes para pensar o contemporâneo. Com isso, a filósofa mais uma vez demonstra sua originalidade como intérprete do gênero e do parentesco e da própria tragédia de Sófocles.

### Referências

- BENJAMIN, J. (1988), *The Bonds of Love. Psychoanalysis, Feminism, and The Problem of Domination*. New York, Pantheon Books.
- BIGNOTTO, N. (1998), *O tirano e a cidade*. São Paulo, Discurso Editorial.
- BUTLER, J. (2000a), *Antigone's claim: kinship between life and death*. New York, Columbia University Press.
- BUTLER, J., "Longing for Recognition. Commentary on the Work of Jessica Benjamin": *Studies in Gender and Sexuality*. Roundtable on the Work of Jessica Benjamin (3) (2000b), 271-290.
- GROS, F. (2018), *Desobedecer*. Tradução: Célia Euvaldo, São Paulo, Ubu Editora.
- LACAN, J. (1988), *Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. 1959-1960/Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira Antônio Quinet]. Rio de Janeiro, Zahar.
- LORAUX, N. (1987), *Tragic Ways of Killing a Woman*. Cambridge; London, Harvard University Press.
- MACDOWELL, D. M., "'Hybris' in Athens": *Greece & Rome* (23) (1976) 14-31.
- MITCHELL, J. (2000), *Psychoanalysis and feminism: A Radical Reassessment of Freudian Psychoanalysis*. New York, Penguin Books.
- MURNAGHAN, S. (2005), "Women in Tragedy": R. BUSHNELL (ed.) *A Companion to Tragedy*. Blackwell Publishing (2005), 234-251.
- QUINET, A. (2015), *Édipo ao pé da letra: Fragmentos de tragédia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- VIEIRA, T. (1992); ALMEIDA, G. de, *Três tragédias gregas*, São Paulo, Perspectivas.
- VORSATZ, I. (2013), *Antígona e a ética trágica da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar.
- WHITEBOOK, J. (2017), *Freud: An Intellectual Biography*. New York, Cambridge University Press.

\* \* \* \* \*

**Resumo:** Nossa hipótese é de que a originalidade da interpretação de Judith Butler para *Antígona* só pode ser compreendida à luz das interpretações filosóficas já existentes da tragédia e das críticas à compreensão da tradição psicanalítica a respeito de gênero e parentesco, em particular como aparecem no Complexo de Édipo. Nesse sentido, analisamos algumas interpretações de *Antígona* pertencentes à tradição filosófica e psicanalítica (Hegel, Frédéric Gros, Jacques Lacan etc.) e também algumas feitas à interpretação freudiana de Édipo (Jessica Benjamin, Juliet Mitchell e da própria Butler) para delimitar a contribuição da perspectiva de Judith Butler sobre a tragédia e para a discussão filosófica das noções de gênero e parentesco.

**Palavras-chave:** Complexo de Édipo; Feminismo; Judith Butler; Psicanálise; Sófocles.

**Resumen:** Nuestra hipótesis es que la originalidad de la interpretación de Judith Butler de *Antígona* sólo puede entenderse a la luz de las interpretaciones filosóficas existentes de la tragedia y de las críticas a la comprensión de la tradición psicoanalítica sobre el género y el parentesco, en particular tal como aparecen en el Complejo de Edipo. En este sentido, analizamos algunas interpretaciones de *Antígona* pertenecientes a la tradición filosófica y psicoanalítica (Hegel, Frédéric Gros, Jacques Lacan, etc.) y también algunas realizadas a la interpretación freudiana del Edipo (Jessica Benjamin, Juliet Mitchell y la propia Butler) para delimitar las aportaciones de Judith Butler sobre la tragedia y sobre la discusión filosófica de las nociones de género y parentesco.

**Palabras clave:** Complejo de Edipo; Feminismo; Judith Butler; Psicoanálisis; Sófocles.

**Résumé :** Nous partons de l’hypothèse que l’originalité de l’interprétation d’*Antigone* par Judith Butler ne peut être comprise qu’à la lumière des interprétations philosophiques de la tragédie et des critiques à la compréhension de la tradition psychanalytique concernant le genre et la parenté, en particulier tels qu’ils apparaissent dans le Complexe d’Œdipe. Ainsi, nous analysons quelques interprétations d’*Antigone* appartenant à la tradition philosophique et psychanalytique (Hegel, Frédéric Gros, Jacques Lacan etc.) et également quelques-unes faites d’après l’interprétation freudienne d’Œdipe (Jessica Benjamin, Juliet Mitchell et Butler elle-même) pour délimiter la contribution de la perspective de Judith Butler sur la tragédie et pour la discussion philosophique des notions de genre et de parenté.

**Mots-clés :** Complexe d’Œdipe ; Féminisme ; Judith Butler ; Psychanalyse ; Sophocle.